

PONTES E ESTRUTURAS IMAGINÁRIAS

Paulo Sergio Duarte

Esta exposição de Ana Holck difere de todas as anteriores. Antes havia a radical experiência de espaço na qual nosso corpo e o trabalho, em certa medida, se confundem (*Transitante*, na Galeria Candido Portinari da Uerj; *Elevados*, no Paço Imperial) ou definitivamente produzem uma alteridade, que posso chamar prosaicamente de “aqui” e “ali” pela própria impossibilidade de acesso ao espaço ocupado pela obra (*Impedimento*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage). Todos eram trabalhos *in situ*; mesmo aquele no Centro Cultural São Paulo, no qual a relação com o lugar era um pouco mais frouxa pelas próprias características impostas pela difícil arquitetura do local. Lembremos apenas que essas instalações não trazem nenhuma carga narrativa ou anedótica, mantêm um explícito diálogo entre uma atitude contemporânea e o melhor passado moderno local, na sua vertente construtivista, e, também, com o minimalismo anglo-saxônico. Na confusão atual e seu turbilhão de imagens e sentidos lançados a torto e a direito junto às teias de subjetividades, as instalações de Ana Holck são de uma clareza atroz – dura e rigorosa – e se impõem como o próprio real, não como mais uma realidade.

Agora, nessa exposição, nos encontramos defronte a objetos que se confundem com maquetes de possíveis instalações. Tais como as obras anteriores, derivam da própria formação da artista em arquitetura, de sua reflexão sobre as estruturas e sua transformação em linguagem poética. Vistos nessa outra escala, quando para fruí-las tenho que retornar a uma posição contemplativa, posso observar com mais interesse a totalidade. Nas instalações, quando estou no interior da obra e dela sou parte, essa observação é impossível; ganho na experiência direta de meu corpo com o espaço gerado pelo trabalho, mas perco a possibilidade de organizar num único lance de olhar todas as suas articulações. Agora reflito tranquilamente sobre as estruturas imaginárias contidas nos microespaços transparentes constituídos pelas caixas de acrílico que recebem as “pontes”.

A primeira coisa que esses trabalhos me lembraram foi um artigo de Annette Michelson, que li no início da década de 1970. Ela narrava a experiência que teve ao ler o anúncio de uma edição da *Crítica da razão pura* ilustrada. Relatava suas ilações entre a leitura do anúncio e a caminhada até a livraria para a consulta da nova edição. Imaginava algo como as ilustrações de esquemas

desenhadas por Lévi-Strauss para ilustrar as *Estruturas elementares do parentesco*. E arquitetava como materializar no desenho essas relações abstratas. Quando observo as caixas de espaço criadas por Ana Holck, penso que se encontram bem próximas de algo como as ilustrações imaginárias de relações kantianas. Não exagero. As caixas são euclidianas e não evocam nenhuma geometria imaginária, estão inteiramente contidas numa das categorias *a priori* da intuição pura, todas as estruturas são newtonianas, não há torções topológicas. Estamos dentro de exercícios poéticos delicados da mecânica e da grafostática.

São hipóteses de possíveis espetáculos espaciais que poderiam ganhar dimensões generosas, mas, ao mesmo tempo, colocam-se no extremo oposto da brutalidade de escala explorada na arte contemporânea em suas manifestações freqüentemente narcisistas. Transpostas das pequenas caixas para grandes salas, conseguiriam permanecer sutis e delicadas pela economia racional que explora na sua linguagem. E esta linguagem é a sua própria idéia. Não se trata de conceito, mas da Idéia da estrutura como linguagem, que reverbera em cada uma das “pontes” de Ana Holck.

Um “museu do cálculo”, apresentando raciocínios e projetos de pontes, mostraria as variações do conceito de estrutura de pontes. A coleção de estruturas imaginárias de Ana Holck, ao não perseguir a função de existir como um conjunto de pontes reais, mas somente de “pontes poéticas”, transcende o lado utilitário da estrutura e se apresenta como a própria Idéia de estrutura e a história de seu raciocínio, exatamente porque não persegue o inventário de estruturas realizadas, mas procura sua realização no campo poético das relações das estruturas virtuais entre si. Envelopadas pelo espaço das caixas transparentes, estas estruturas potencializam ainda mais a função de evocar e não conotar, do mesmo modo como Charles Rosen apresentou a diferença entre Idéia e conceito em Benjamin.¹

Rio de Janeiro, julho de 2006.

¹ ROSEN, Charles. As ruínas de Walter Benjamin. In: _____. *Poetas românticos, críticos e outros loucos*.

Tradução José Laurênio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2004. p. 180.



[DA SÉRIE] CANTEIRO DE OBRAS 2006 backlight 60 x 90 cm

ANA HOLCK

Rio de Janeiro, 1977

2003 Mestre em História, Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura, PUC-Rio.
2000 Arquiteta e Urbanista, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2006 *Notas sobre obras*, Galeria Virgílio, São Paulo.
Canteiro de Obras, Paço das Artes, São Paulo.
Notas sobre obras, Mercedes Viegas Arte Contemporânea, Rio de Janeiro.
2005 *Elevados*, Paço Imperial, Rio de Janeiro.
2004 *Quarteirão*, Centro Universitário Mariantonia, USP, São Paulo.
Estais, Galeria Virgílio, São Paulo.
2003 *III Mostra do Programa de Exposições 2003*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo.
Transitante, Galeria Candido Portinari, UERJ, Rio de Janeiro.
2001 Galeria da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. *Projeto 10d2001*, Rio de Janeiro.

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES COLETIVAS

2005 *BR 2005*, Galeria Virgílio, São Paulo.
Artecontemporânea, Mercedes Viegas Arte Contemporânea, Rio de Janeiro.
nmúltiplos, Arte 21 Galeria, Rio de Janeiro.
Educação, Olha!, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro.
Coletiva 2005, Mercedes Viegas Arte Contemporânea, Rio de Janeiro.
10 indicam 10, Centro Cultural Candido Mendes, Rio de Janeiro.
2004 BR2004, Galeria Virgílio, São Paulo.
Projéteis de Arte Contemporânea, FUNARTE, Rio de Janeiro (novembro.)
Posição 2004, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro.
2003 *INSOLA(R)ÇÕES*, Solar Grandjean de Montigny, PUC-Rio, Rio de Janeiro.
Coletiva do Programa de Exposições 2003, Centro Cultural São Paulo, São Paulo.
2002 *Novíssimos 2002*, Galeria do IBEU Copacabana, Rio de Janeiro.
2001 *4º Prêmio Revelação de Artes Plásticas de Americana 2001*, MAC de Americana, São Paulo.
Orlândia I, Rio de Janeiro.

PRÊMIOS E BOLSAS

2005 1º Prêmio Projéteis Funarte de Arte Contemporânea, Rio de Janeiro.
2004 8º Programa de Bolsas RIOARTE. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
2001 *Prêmio Paviflex*, Instituto dos Arquitetos do Brasil, São Paulo (IAB / SP).
2000 *Prêmio Arquiteto de Amanhã*, Instituto dos Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro (IAB/ RJ).

ANA HOLCK

Abertura dia 23 de agosto, 20h
de 24 de agosto a 16 de setembro de 2006
segunda a sexta, das 10h às 19h / sábado, das 10 às 17h

galeriavirgilio

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 426, 05415-020

T. 55 11 3062 9446 / 3061 2999 www.galeriavirgilio.com.br

TEXTO Paulo Sergio Duarte VERSÃO PARA INGLÊS Steve Berg REVISÃO Benjamin Albagli Neto
FOTOGRAFIAS DA SÉRIE *PONTES* Wilton Montenegro FOTOGRAFIA DE ARQUIVO DA SÉRIE *CANTEIRO DE OBRAS* Carlos Henrique Holck
PROJETO GRÁFICO Vanderlei Lopes

AGRADECIMENTOS Ana Paula Pontes, Erivelto Néri, Francisca Holck, Guilherme Bueno Gustavo Moura, Izabel Pinheiro, Joana Angert, Marcelo Amim, Paulo Sergio Duarte, Paulo Venancio Filho, Regina Pinho, Rose Goldschmidt.

APOIO

